

Transposição de gêneros e deslocamento de fronteiras: uma leitura de dois relatos históricos de María Rosa Lojo

Prof. Dr. Antonio Roberto Esteves¹(UNESP)

Resumo:

No limiar entre literatura e história, a argentina María Rosa Lojo, tece seus relatos entrecruzando fios de variada procedência. O resultado é um tecido, diferente e multicolorido, onde categorias tradicionais como gênero e fronteira se esgarçam fazendo brotar, de suas riscas, significados múltiplos e ambíguos. Nesse contexto, a presente comunicação propõe a leitura dos relatos “El alferez y la provisoro” e “El extranjero”, do livro *Amores insólitos de nuestra historia* (2001). Ruptura de gêneros e deslocamento de fronteiras é o norte que direciona a tessitura dessas histórias de amor pouco lembradas por um discurso hegemônico que trata de encobrir fissuras. Pelas manhas do discurso literário, celebram-se então esses amores já não mais insólitos, mas criadores de uma nova realidade, prenhe de encontros e comunhões, em busca da unidade perdida nos estertores do mito.

Palavras-chave: Literatura e história, narrativa histórica, narrativa argentina contemporânea, María Rosa Lojo, *Amores insólitos de nuestra historia*.

1 Reflexos de fragmentos de um corpo

Um espelho lavrado por artesão da escola barroca cusquenha: cristais encaixados entre os círculos dourados e nas pontas dos raios que imitam a forma de um sol ou uma custódia de hóstia. Nesse espelho, que se associa tanto ao elemento mítico mais importante da cultura inca ou ao símbolo máximo da cristandade, o alferes dom Alonso Díaz Ramírez de Guzmán tenta reunir os fragmentos da imagem de seu corpo ambíguo. Um rosto belo, suave, apesar do nariz reto e comprido e da mandíbula e ossatura fortes. Ele não se fixa nas mechas alvoroçadas do cabelo curto e negro que deslizam sobre a face e mal cobrem os lóbulos das orelhas. Pela voz de uma admiradora já ouviu elogios à suavidade desse cabelo que merece banhos de óleos. Mais abaixo, fora do alcance do espelho, uma camisa entreaberta esconde a meias o tórax. As pernas acostumadas aos caminhos da Espanha e das Américas estão cobertas por um calção. Finamente vestido como cavalheiro, em cores escuras, ele espera a audiência com o bispo de Guamanga, que o acolheu em sua residência oficial, sob proteção da Igreja, depois de salvá-lo de mais um encrenca.

Estamos no princípio da segunda das três partes que compõe o relato “El Alferez y la Provisoro”, incluído no volume *Amores insólitos de nuestra historia* (2001), da argentina María Rosa Lojo. O título dessa parte explicita o espaço da ação do relato: Guamanga, atual Ayacucho, no Peru. O tempo, como o corpo refletido no espelho, também é fugidio, “circa 1619/20” (LOJO, 2001, p. 74), uma vez que as informações são escassas ou pouco exatas. Por estes dois dados, é possível ler o relato como narrativa de extração histórica.

Com foco no protagonista, a voz narrativa, dando sequência a seu jogo fragmentado e ambíguo, como a imagem esfacelada nesse espelho irregular ou como os jogos de naipes nos quais o alferes mata seu tempo, prepara-se para revelar o segredo que vinha sendo anunciado aos poucos, na sutil ambiguidade tão comum no barroco, de esconder e mostrar ao mesmo tempo. Dentro de poucos instantes, na história, ou de algumas páginas, no relato, o alferes confessará ao bispo de Guamanga que, mais que uma série de crimes e aventuras comuns aos conquistadores espanhóis do século XVII, seu grande segredo é que, por baixo dessas roupas e atos masculinos, se esconde um corpo feminino. Para fugir do “limbo entre quatro paredes, onde o tempo não passa” (LOJO, 2001, p. 72), ao qual estavam destinadas as mulheres, ela veste-se de homem e embarca em uma vida

errante, mas plena de aventuras.

Decorrido mais de um terço do relato, o leitor toma conhecimento de que o alferes dom Alonso Díaz Ramírez de Guzmán, militar guipuzcoano que conquistou esse grau lutando contra os mapuche do Chile, é na verdade uma ex-freira. Dona Catalina de Erauso escapou de um convento do país basco espanhol para ter uma vida livre no Mundo Novo que estão se construía, longe das “paredes de um metro de pedra e séculos de mandamentos” (LOJO, 2001, p. 72). Como o bispo Carvajal, também o leitor será atropelado, não sem maravilhar-se, pelo sufoco do inverossímil peso do extraordinário.

Tecido com fios da história, o relato conta de modo elaborado e poético a vida de Catalina de Erauso (1592-1650), a freira-soldado que tanto *frisson* vem causando desde sua agitada existência impregnada de aventuras, no início da colonização espanhola da América. As lacunas que se abrem no relato de suas aventuras, escrito por ela própria e publicado por primeira vez no século XIX mas divulgado desde o período em que vivia, acabam preenchidas pela fantasia, como ocorre com a maior parte dos textos, também híbridos e ambíguos, que tratam dos episódios da conquista do novo continente, tão cheio de mistérios e particularidades. Nesse contexto insólito que desafia a estrita mentalidade europeia de então, as aventuras dessa donzela guerreira acabam por incorporar-se a um cotidiano prenhe de magia que representava a história do continente recém-descoberto.

O relato, em linhas gerais, segue de perto a narrativa deixada por Catalina. Até mesmo a suave filha do Provisor da Catedral de San Miguel de Tucumán, na atual Argentina, prometida ao aventureiro, sai de suas páginas. O que a leve prosa, plena de lirismo e de magia, de María Rosa Lojo incorpora é o desejo que essa jovem também tem de livrar-se do cárcere privado que era a vida da mulher naquelas eras. Assim, a prometida, abandonada por motivos óbvios pelo misterioso alferes, volta a encontrar-se com ele na última parte do relato, quando também ela já tinha conseguido escapar do destino imposto às mulheres. No entanto, seguindo o exemplo de tantas mulheres de seu tempo, a Provisora, busca refúgio na Igreja, a mesma Igreja à qual Catalina negou-se a integrar-se, ao fugir para a América em busca de aventuras, vivendo como soldado praticamente toda sua vida.

Mais que uma história de amor, trata-se de uma história do desejo de liberdade. E não deixa de haver certa amargura na constatação de que a verdadeira liberdade é a morte. A derradeira homenagem da freira carmelita em que se transformou a Provisora, fundadora de novos mundos, como a fundadora da ordem, Teresa de Ávila, a quem tantas vezes a própria freira-guerreira foi comparada, é colocar sobre a terra seca onde jaz Catalina, um humilde ramo de jasmim.

2 Olhos que veem o outro

No relato anterior, pouco depois de receber a surpreendente revelação, o bispo de Guamanga se contempla espantado nos olhos do alferes Catalina de Erauso (LOJO, 2001, p. 82). O olho como espelho é o motivo que nos permite emigrar para o segundo relato de que trata a presente comunicação. Entre outros, a cidade argentina de Tucumán será ponto de contato. “El Extranjero”, incluído no mesmo livro, conta a história de um tucumano que abandona sua terra natal para fixar-se na Paris da *belle époque*. Sua história é narrada em *flash back*, em quatro partes, a partir de sua agonia. O eixo narrativo, de alguma forma, está associado ao olhar.

Na primeira parte, o protagonista Gabriel Iturri (1860-1905), em seu leito de morte, é apresentado pelo ponto de vista de Friquet, seu fiel cão *griffon bruxelois*, que põem em funcionamento todos os órgãos dos sentidos para apresentar seu amo moribundo, especialmente a visão. Em suas mãos, Iturri segura um leque, semelhante ao que ajudava a compor a figura feminina que ele representou numa peça teatral num colégio tucumano perdido em sua infância. Atrás desse leque, “apenas os olhos eram vistos, semiescondidos pelas varetas e pelo tecido” (LOJO, 2001, p. 288). Uma vez mais, temos o jogo mostrar e esconder, já não como drama essencial barroco, mas como espetáculo teatral à *fin-de-siècle*.

Como no movimento de abrir e fechar do leque, a segunda parte segue contando como Gabriel, cuja maior riqueza é um “par de olhos lânguidos, cor de café” (LOJO, 2001, p. 293), uma vez abandonada sua longínqua pátria austral, abre espaço nessa Paris teatral das últimas décadas do século XIX, como secretário e amante do conde Robert de Montesquiou-Fézensac (1855-1921), mecenas, *dandy* e poeta medíocre, por cujos salões, como este onde agora ele definha precocemente, devorado por uma diabete, desfila cotidianamente a fina flor da intelectualidade francesa.

Enquanto o músico León Delafosse (1874-1951), um dos protegidos (além de também amante, de acordo com Bazán (2004, p. 106) do conde e *habitué* do palácio, interpreta ao piano sua musicalização de um poema de *Les Chauves-Souris* (1892), o primeiro livro de versos de Montesquiou-Fézensac, Gabriel flutua em um ambiente de fantasmagoria e encantamento que precede sua morte. A metáfora da morte é bíblica: diz São Paulo que agora vemos de modo turvado, como através de um vidro embaçado. A visão clara e limpa apenas se tem no Paraíso. E o Paraíso, revisitado por Gabriel, é uma casa antiga de Versalhes, que à noite se transforma em um teatro de fantasmagoria e encantamento onde todos os disfarces estavam modelados na verdadeira medida dos desejos. (LOJO, 2001, p. 297).

Também neste relato, parece ser a morte o ponto de epifania. Na última parte, o mais ilustre frequentador da corte do conde de Montesquiou-Fézensac, já desaparecidos este e seu exótico amado sul-americano, diante da tumba de ambos no cemitério de Conards, em Versalhes, Marcel Proust (1871-1922), que os imortalizou em sua obra, presta uma última homenagem a esse amor que não ousa a dizer seu nome. É uma fria tarde de inverno: estamos em 23 de dezembro de 1921, doze dias após a morte do conde mecenas. Sob a estátua de um andrógino Anjo do Silêncio, o escritor francês intui que também a ele falta pouco tempo para cruzar o umbral vigiado pelo anjo. Ele sabe que do outro lado lhe será revelado finalmente o que esconde a “mirada compreensiva, desolada e sonhadora” que traduzia pacientemente a outra experiência, a outra língua um mundo diferente. Então ele poderá ver-se a si mesmo: mais um personagem nos olhos de “O Estrangeiro”. (LOJO, 2001, p. 301).

3 Deslocamento de fronteiras/transposição de gêneros

Etimologicamente “fronteira” vem de *frons, frontis*, que também dá origem a frente, e a fronte. Assim, a mudança do ponto de vista é necessária. Não mais a atalaia distante, a última fortaleza diante do território inimigo, mas um cara a cara. Estar frente a frente, frente à frente, frente à frente, frente a frente, não com o inimigo, mas com o outro, que afinal de contas pode em seus olhos, refletir nossos desejos. Olhar o outro, ser olhado pelo outro. Desejar o outro, ser desejado pelo outro. Um outro que muitas vezes está dentro de nós e que só pode ser identificado pelo olhar de outro. Ou, de modo invertido, como na imagem no espelho.

A fronteira deixa de ser então uma linha divisória para tornar-se um lugar de comunicação, conforme Boaventura Souza Santos (1993). Já não há apenas este lado do rio e o outro lado do rio: há também o cruzar o rio, o mais importante, nesse processo. Além de abarcar amplos domínios, as fronteiras geralmente são porosas, permeáveis, flexíveis: são marcadas pelos deslocamentos (HANCIAU, 2005, p. 133).

O mais interessante é a mudança (LOJO, 2001, p. 87), dirá o tropeiro dom Antonio de Erauso, em sua última conversa com a Provisora, depois de ter sido o alferes dom Alonso Díaz Ramírez de Guzmán, a freira Catalina de Erauso ou o aventureiro Francisco de Loyola, entre outros. Nascido com corpo de mulher e educado como freira desde os quatro anos de idade, assumirá outras identidades, principalmente as de pícaro, aventureiro, soldado, jogador ou galanteador. Eventualmente contará e recontará sua história, voltará a usar o hábito religioso, encerrado em um convento. Tornará a ser homem outra vez, demonstrando que os deslocamentos não serão apenas geográficos.

Suas pernas suarão por diversos caminhos do velho e do novo mundo: Espanha, Itália e

praticamente todo o domínio espanhol da América, dos atuais territórios da Argentina e do Chile ao México, atravessando a cordilheira dos Andes várias vezes. Um constante deambular. Da mesma forma que cruza fronteiras naturais e físicas, também muda sua vestimenta e desempenha o rol social que o momento e o lugar exigem. Sua existência histórica é um singular exemplo de deslocamento de fronteiras e transposição de gêneros.

Dentro dos princípios da narrativa de extração histórica, a escritora María Rosa Lojo, o transporta da história para a ficção, rompendo uma fronteira mais, a dos gêneros textuais. Também rompe a fronteira dos tempos, ao trazer para o presente o relato de suas aventuras do passado, suscitando leituras plurais, não apenas do passado, como forma de romper discursos totalizantes e hegemônicos, mas também como forma de apresentar aos olhos do presente a possibilidade de romper limites considerados imutáveis durante muito tempo.

Processo similar ocorre com a visão do estrangeiro apresentada na história de amor entre Gabriel Iturri e conde de Montesquiou-Fézensac. Embora os deslocamentos espaciais sejam menos grandiloquentes (os tempos são outros, as comunicações são mais ágeis), Gabriel executa um movimento oposto ao da freira-soldado. Se Catalina de Arauso sai do velho mundo para exercitar a liberdade no Novo Mundo, onde por aqueles tempos tudo era permitido, Gabriel Iturri abandona um Novo Mundo já dobrado aos modais do Velho Mundo e dirige-se, numa viagem de retorno, ao Velho Mundo que então experimenta diferentes formas de ser.

Os movimentos do leque sinalizam esse movimento de ir e vir, de transpor normas e fronteiras. Se em Tucumán, em sua infância, o menino necessitava travestir-se e sob os trajes femininos, no teatro, podia representar/viver o papel que desejava, uma vez em Paris já não é necessária a farsa. Passará então a viver uma espécie de entre-lugar genérico, o do dandy efeminado, a meio caminho entre o masculino e o feminino. Nem e nem outro: um e outro ao mesmo tempo. E embora o amor que vive ainda não possa, portas afora, dizer o seu nome, portas adentro, trata-se de um amor entre dois homens. O amor possível, real, entre dois homens, não mero espetáculo teatral. E todos os que frequentam o palácio dos amantes sabem disso. São homens que não necessitam, como no caso da freira-guerreira, de travestir-se, mas que podem, instalados nessa privilegiada terceira margem, viver sua vida, deslocando fronteiras e transgredindo gêneros. Uma vez mais o relato histórico rompe fronteiras, juntando nas duas pontas de um arco, o tempo do relato, onde esse amor era possível e existia, apesar do discurso hegemônico fingir que não existe e o presente da narração, quando já não se necessita encenar mais. A única encenação possível neste tempo é aquela que circula entre as naturais dúvidas existentes em uma identidade que deixou de ser fixa e passou a ser cambiante.

Assim, no limiar entre literatura e história, María Rosa Lojo tece seus relatos entrecruzando fios de variada procedência. O resultado é um tecido, diferente e multicolorido, onde categorias tradicionais como gênero e fronteira se esgarçam fazendo brotar de suas riscas, significados múltiplos e ambíguos. Nesse contexto, a leitura de “El Alférez y la Provisora” e “El Extranjero”, do livro *Amores insólitos de nuestra historia*, ilustra a ruptura de gêneros e o deslocamento de fronteiras, norte que direciona a tessitura dessas histórias de amor pouco lembradas por um discurso hegemônico que trata de encobrir fissuras. Pelas manhas do discurso literário, celebram-se então esses amores já não mais insólitos, mas criadores de uma nova realidade, prenhe de encontros e comunhões, em busca da unidade perdida nos estertores do mito (LOJO, 2001, p. 17, ECHAVARREN, 2008).

Referências Bibliográficas

- 1] BAZAN, O. *Historia de la homosexualidad en la Argentina*. De la conquista de América al siglo XXI. Buenos Aires: Marea, 2004.
- 2] ECHAVARREN, R. *Arte andrógino*. Estilo versus moda. Santiago: Ripio, 2008.
- 3] ERAUSO, C. *Historia de la monja alférez*. Alicante: Biblioteca Virtual, 2001. In <http://bib.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01305042011682948755802/p0000001.htm#22>

Acesso em 11 jul 2011.

- 4] HANCIAU, N. Entre-lugar. In FIGUEIREDO, E. (org.) *Conceitos de literatura e cultura*. Niterói: Ed. UFF; Juiz de Fora: Ed. UFJF. 2005. p.125-142.
- 5] LOJO, M. R. *Amores insólitos de nuestra historia*. Buenos Aires: Alfaguara, 2001.
- 6] POSSE, A. Un tucumano en la corte del Rey Marcel. Tucumán, *La gaceta*, 22 dic 1985. <http://www.clubcultura.com/clubliteratura/clubescritores/posse/archivo/Document.php?op=show&iid=556> Acesso em 11 jul 2011.
- 7] SANTIAGO, S. O entre-lugar do discurso latino-americano. In *Uma literatura nos trópicos*. Ensaios sobre dependência cultural. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- 8] SOUZA SANTOS, B. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. *Tempo Social. Revista de Sociologia*. São Paulo. USP, 5 (1-2): 31-52, 1993. In <http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v0512/Modernidade.pdf>. Acesso em 28 ag 2010.

i **Antônio Roberto ESTEVES**

Universidade Estadual Paulista (UNESP- Assis)

Departamento de Letras Modernas

aesteves26@uol.com.br